



## Consequências Psicológicas do abuso Sexual na Infância e Adolescência: Uma Ferida Invisível

Isabel Vieira Braz de Lima, Josimara Diolina (orientadora)

Psicologia, *AJES*,

### RESUMO

Pretendemos discutir e proporcionar uma reflexão sobre qual é o foco principal em relação à violência sexual cometidas contra crianças e adolescentes. Busca compreender e identificar as causas e as consequências que afetam a vida desse sujeitos nas dimensões física, psicológica, afetiva e cognitiva. Estudiosos apontam que são várias as consequências e que esse tipo violência praticada contra essas vítimas constituem-se em uma das expressões que mais afetam a estruturas psíquicas e emocionais na vida do indivíduo. Para compreender esta violência, enquanto uma das formas de vitimizar os sujeitos envolvidos é preciso considerar os fatores que envolvem a vida dos mesmos e o meio em que estão inseridos. As transformações da família no decorrer da história, a interferência dos meios de comunicação social divulgando modelos e padrões que estimulam a competitividade, e as novas configurações da sociedade atual, reforça um contexto marcado pela violência estrutural, presente na sociedade. Estas transformações que marcam a vida dos sujeitos no decorrer de sua história e estão relacionadas a um processo de mudança sociais, política, econômica e cultural. Diante das evidências, conclui-se que os casos de indícios de abuso sexual infantil têm afetado inquestionavelmente, além da criança e adolescentes, sua família e àqueles que fazem parte do círculo social deixando marcas irreversíveis em sua vidas.

**Palavras-chave** – Criança e Adolescentes, Violência sexual, Família.

## INTRODUÇÃO

A violência sexual é considerada, pela Organização Mundial de Saúde, um problema global tanto no senso geográfico, por estar presente em todos os países do mundo e níveis da sociedade, como por atingir pessoas de ambos os sexos e de todas as idades. Pode ser conceituada de forma diferente e variar de acordo com a abordagem médica, social, país e regiões de um mesmo país. É definida como qualquer ato ou jogo sexual ou tentativa de obter um ato sexual, por meio do uso de força ou de coerção, ameaça de danos por qualquer pessoa, independente do grau de relação com a vítima no qual a violência ocorre.

A Constituição Federal e o 5º artigo do Código Civil brasileiro garantem a proteção incondicional à criança e determina como dever de cada brasileiro, adulto, capaz, consciente e responsável, protegê-la, independentemente do grau de parentesco ou das motivações e laços afetivos. Diante da legalidade subentende-se que a criança e o adolescente deveriam estar protegidos de todo tipo de violência principalmente no âmbito familiar, porém a realidade aponta que as mesmas são vítimas de abusos, violência e desrespeito aos seus direitos fundamentais inclusive pelos próprios familiares.

Diante das evidências, pretendemos compreender como a violência sexual afeta o desenvolvimento de crianças e adolescentes gerando consequências emocionais, relacionais, psicológicas, psiquiátricas e até mesmo prejuízos físicos. Para garantir a efetivação desse trabalho foi realizado um estudo sobre o assunto tendo como base a pesquisa bibliográfica e a coleta de dados junto ao CREAS municipal (Centro de Referência Especializado de Assistência Social), levando em conta os registros dos últimos dois anos. Os dados foram analisados com base aos referenciais teóricos.

Após realização do estudo conclui-se esse tipo de violência resulta de um fenômeno complexo envolvendo o contexto histórico, econômico, cultural e político e tem sido feito da realidade de muitas famílias da sociedade atual fazendo vítimas de todas as idades e provocando consequências drásticas na vida dessas vítimas que na maioria das vezes são criança e adolescente. Essas consequências atinge principalmente o aspecto emocional e psicológico e se agrava ainda mais quando o agressor é alguém próximo a ela, alguém que teria a função de protegê-la. Essas

marcas muitas vezes são irreversíveis uma vez que os mesmos se encontram em pleno processo de desenvolvimento.

## **1. CONSEQUÊNCIAS PSICOLÓGICAS DO ABUSO SEXUAL NA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA: UMA FERIDA INVISÍVEL**

*“Em algum lugar, bem no fundo de cada um de nós, está a criança que era inocente e livre e que sabia que a dádiva da vida era a dádiva da alegria.”*  
(Alexander Lowen)

A prática de abuso sexual contra crianças e adolescente é um fenômeno universal. Está presente em toda história sujeito, independentemente da classe social, grupo étnico ou religioso causando dor e sofrimento em suas vítimas. Embora pareça ser um problema contemporâneo, é fruto de um processo histórico que colocou a criança em lugar de desprivilegio e desatenção. Historicamente, o abuso sexual foi uma prática exercida desde os antepassados tanto no campo bíblico quanto mitológico. Scherer (2011) e seus colaboradores, que a exploração sexual de pequenos seres humanos por adultos e o incesto praticado pelos próprios pais e parentes existem desde épocas remotas, tanto no campo social quanto religioso.

Estudos apontam que nos diferentes períodos históricos e em diferentes culturas a existência de relacionamentos com infantes e entre pessoas do mesmo sexo já existia. Segundo relatos, essas práticas começavam em cerimônias de iniciação sexual, crença, magia e medicina.

Na cultura Egípcia, existem evidências de relacionamentos entre faraós e infantes submetidos aos caprichos sexuais dos poderosos. Bubeneck (2004) apud Labadessa (2010) ressalta que a sociedade grega permitia a prostituição de jovens do sexo masculino (efebos). O sexo de um adulto com parceiros infantis, de ambos os sexos, também era considerado comum naquela sociedade. Esses fatos ocorriam, entre outros locais, na ilha de Creta, onde era bem vista a atitude de um velho raptar adolescentes para seu usufruto.

Na Grécia antiga e na Sociedade Moderna, o pai, considerado chefe da família era a pessoa que incutia o hábito de homossexualidade e da pedofilia no jovem. O mundo Árabe e o mundo Ocidental não sendo exceção também registra a

prática de sexo entre adultos e crianças, como é o exemplo dos samurais com as suas jovens amantes, mantendo-as consigo até à idade da emancipação.

Na dimensão religiosa não foi diferente, a pedofilia praticada por representantes clericais teve origens no celibato e no poder detido pelos representantes da igreja católica, porém essa prática sempre foi camuflada e os praticantes dessa violência encontravam formas de influenciar ou mesmo calar as vítimas para que não denunciassem o abuso cometido por eles e que na maioria das vezes praticados quase com exclusividade contra menores( VEJA 2009).

A própria Igreja, durante décadas, se manteve discreta em relação a denúncias de abusos sexuais envolvendo seus membros. Ao invés de denunciar os responsáveis, preferiu curvar-se ou neutralizar-se diante dos fatos. Sob proteção da batina e da força da igreja, muitos padres praticaram durante anos essa violência sem receber nenhuma punição (Veja 2009).

A reportagem destaca ainda que nos últimos cinquenta anos, apenas 10% dos padres que praticaram esse ato foram condenados. Aponta também que na maioria dos casos, quando há uma manifestação das vítimas, as mesmas preferem entrar na justiça apenas com processo civil e ações pedindo a reparação em dinheiro pelos danos sofridos para evitar se exporem. Diante da sucessão de escândalos envolvendo a igreja, o Vaticano foi obrigado a se manifestar, de acordo com o Papa João Paulo II essa questão será enfrentada pela Igreja ( Veja 2009).

Os meios de Comunicação social têm contribuído no processo de erotização infantil. A música, a dança, televisão, cinema são fatores que influenciam na da banalização do sexo e do corpo, muitas vezes encarados pelos pais que permitem o acesso a essas informações como processo normal.

Através da psicanálise, Freud (1913 *apud* Gauer, 2011), esclarece sobre os processos libidinais (desejos e fantasias) que ocorre com a criança na relação parental. Para ele existem dois tipos de abuso sexual, o real e o fantasiado. O desejo fantasiado foi identificado através da descoberta da existência dos desejos sexuais na criança. O menino tem como objeto de amor a mãe, portanto sua primeira escolha objetual é incestuosa. Essas fantasias desempenham um papel fundamental no desenvolvimento da vida mental inconsciente e na capacidade de reprimi-la adequadamente.

No contexto histórico, nas diferentes culturas, religiões ou situação socioeconômica, a prática da pedofilia sempre esteve presente, porém muitas vezes

foi camuflada para não manchar a honra dos envolvidos nas diferentes situações daqueles que a praticam (Soares, 2011). Diante das evidências gritantes, a nível nacional, estadual e local, vem sendo desenvolvidas ações, campanhas e movimentos na tentativa combater esse tipo de violência, ou pelo menos conscientizar para que suas vítimas se encorajem para efetivar a denúncia, tentativa essa de garantir a proteção e os direitos daqueles que são vitimados.

O abuso sexual praticado contra menores é considerado um ato através do qual um adulto obriga ou persuade um (a) menor a realizar uma atividade sexual que não é adequada para a sua idade e que viola os princípios sociais atribuídos aos papéis familiares, que deveriam exercer o papel do cuidador e protetor do menor. O abuso sexual também pode acontecer entre menores. Em ambos os casos, trata-se de um abuso de poder. De acordo com Enciclopédia Virtual “Diciopédia 2003” (Pinheiro et al, 2002). “é um desvio sexual caracterizado por envolver pensamentos e fantasias eróticas repetitivas ou atividade sexual com uma criança pré púbere.

Esse tipo de violência praticada contra crianças e adolescentes são considerados como “um fenômeno social que envolve qualquer situação de jogo, ato ou relação sexual, homo ou heterossexual, envolvendo uma pessoa mais velha e uma criança ou adolescente. Ela se expressa por meio do abuso e/ou da exploração sexual” (Gauer 2009). Para os estudiosos da área, dentre todas as perversões praticadas contra a criança e o adolescente. Para o autor, a pedofilia é a que gera mais sentimentos de aversão principalmente quando é praticada por alguém pelo qual a criança confia. Segundo eles, ao realizar os seus desejos sexuais, o pedófilo causa danos irreversíveis na criança.

A violência sexual contra crianças e adolescentes no Brasil teve sua expressão política na década de 1990 quando este fenômeno, ocorrido em todas as classes sociais, nas relações de gênero, e diferentes etnia, foi incluído na agenda da sociedade civil como uma questão relacionada à luta nacional e internacional pelos direitos humanos de crianças e de adolescentes, preconizados na Constituição Federal/1988, no Estatuto da Criança e do Adolescente – Lei nº 8.069/90 e na Convenção Internacional sobre os Direitos da Criança/1989.

Segundo o Plano Nacional de Enfrentamento da Violência Sexual Infantojuvenil (PNVSCA), aprovado em 2000, a violência sexual contra crianças e adolescentes é um fenômeno complexo e de difícil enfrentamento, inserido em um contexto histórico-social de violência endêmica e com profundas raízes culturais.

O artigo 227 da Constituição Federal Brasileira expressa (1988) que “é dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão”.

O direito de proteção a esse Ser está legalmente garantido, porém a realidade vigente e os dados de registro apontam que esses direitos são violados a cada instante e a cada dia aumenta o número de vítimas de todos os tipos de violência, sendo que uma delas a violência sexual, ação praticada na maioria das vezes por que devera lhes garantir a proteção.

Por garantia da lei, a (Constituição Federal-1988 e ECA), a família é considerada uma das principais instituições responsável para proteger a criança contra os perigos da sociedade. É nesse meio que a criança espera receber aconchego, amor, carinho, atenção e proteção. Espera-se que a família além de garantir condições de sobrevivência, inicie a preparação da criança para enfrentar as situações do ambiente externo, as dificuldades e desafios do mundo (VEJA, 2009).

A família sem dúvida desempenha uma das mais importantes funções na infância e na adolescência do humano, porque é a primeira instituição que o indivíduo tem seus primeiros contatos, interação e atuação favorecendo seu processo de desenvolvimento. Segundo estudiosos da área, os pais têm o papel de fornecer e transmitir a bases e os valores que irá contribuir na formação do comportamento, no caráter e no processo de desenvolvimento integral do indivíduo. Além de terem uma importante participação no senso de compreensão e reciprocidade dos filhos, os pais devem se mostrar sensíveis as necessidades de seus filhos, fazendo com que a criança se sinta amada e protegida.

Lacan (1993) ressalta que “entre todos os grupos humanos, a família desempenha um papel primordial na transmissão de cultura. Se as tradições espirituais, a manutenção dos ritos e dos costumes, a conservação das técnicas e do patrimônio são com ela disputadas por outros grupos sociais, a família prevalece na primeira educação, na repressão dos instintos, na aquisição da língua acertadamente materna. Com isso, ela preside os processos fundamentais do desenvolvimento psíquico” (BOCK et al., 1993, p. 237).

Infelizmente nem sempre isto ocorre. A reportagem publicada pela revista *Veja* (2009) apresenta uma realidade bastante cruel em relação a esse assunto. Relatos apontam que crianças e adolescentes são violentadas em suas próprias casas, nos espaços que deveriam sentir-se protegidas. O abuso sexual contra crianças e adolescentes é um dos atos de maior desrespeito e agressão que um indivíduo em formação pode sofrer. Violadas por pessoas que confiam e tem muitas vezes suas referências, são obrigadas a calar-se, e quando muitas vezes denunciam são sufocadas por descrença ou omissão do familiar ou algum ouvinte, que resolva confiar aquele momento de traumático sofrido.

Em seu livro *Psicologias*, Ana Bock, doutora em Psicologia Social, afirma que

A família, como lugar de proteção e cuidados, é, em muitos casos, um mito. Muitas crianças e adolescentes sofrem ali suas primeiras experiências de violência: a negligência, os maus-tratos, a violência psicológica, a agressão física, o abuso sexual. As pesquisas demonstram que, no interior da família, a principal vítima da violência física é o menino e, do abuso sexual, a menina. O pai biológico constitui-se no principal agressor (BOCK, 1999, p. 254).

Pela legalidade, a família e a própria casa são a maior proteção que uma criança pode ter contra os perigos do mundo. É nesse meio que ela ganha confiança para enfrentar os desafios da idade adulta. Porém nem todas as famílias tem uma base sólida para garantir o processo de desenvolvimento integral da criança. Nos relatos apresentados na reportagem *Violados e Feridos, na Revista Veja* (março/2009) fica evidente que a maioria dos molestadores sexuais de crianças tem a confiança das vítimas, são os próprios pais, padrastos ou parentes, ou seja, aqueles que deveriam lhes dar amor, carinho e proteção. Muitas crianças, ao invés de contarem com o amor e a proteção de adultos responsáveis, são vítimas da ação violenta e escrupulosa dos próprios familiares, no lugar do cuidado e da atenção que a sua fragilidade requer, e que são diretamente garantidos pela Constituição, são confrontadas e expostas a pressão psicológica para que se mantenham caladas.

Para Azevedo e Guerra (1989), para todo este emaranhado de sentimentos pode causar uma lesão interna na criança trazendo repercussões sérias na sua capacidade de se relacionar afetivamente no decorrer de seu processo de desenvolvimento integral. A relação de confiança estabelecida entre as pessoas que estão a sua volta é de suma importância para um desenvolvimento saudável. Portanto, quando a criança sofre violência de qualquer tipo por alguém de sua

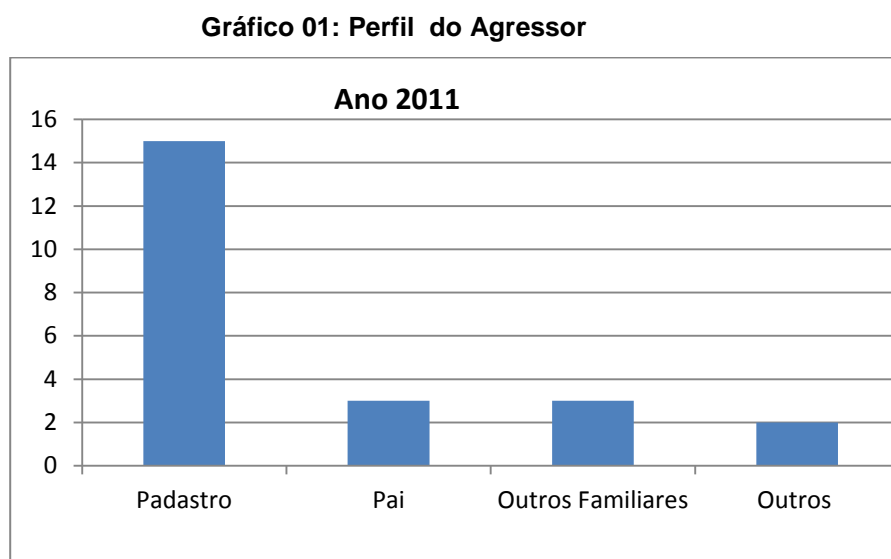
confiança o dano ainda é mais serio, principalmente quando essa violência fere a sua autoestima e a sua subjetividade como é o caso da violência sexual.

Com base na pesquisa realizada por Azevedo e Guerra em São Paulo, Gauer (2011) ilustra que a violência sexual que deixa como vitima crianças e adolescentes ocorre no interior da própria família. Destaca que

93,5%- vitimas do sexo feminino, as faixas etárias mais frequente é de 7 a 10 anos e de 11 a 13, perfazendo juntos 61,3% dos casos. No que se refere ao agressor, em 68,9 dos casos o abusador é o pai biológico e 29,8% dessa violência e praticada pelo padrasto” (GAUER, 20 11 p.42).

O município de Juína, situado a noroeste de Mato Grosso, com população atual é de aproximadamente 39.064 habitantes distribuídos na zona rural e urbana, não foge a realidade dos demais municípios do país. A violência praticada contra crianças e adolescentes fere a dignidade desse ser. Os dados coletados apontam que essa situação é bastante evidente vitimizando o sujeito que se encontra processo de desenvolvimento, transferindo marcas para o resto de suas vidas.

Os registros levantados junto ao CREAS Municipal (Juína-MT) apontam que no ano de 2011, dos 23 casos desse tipo de violência a maioria foi praticada por seus familiares como mostra o gráfico 1.



**Fonte: CREAS Municipal (Juína-MT)**

De acordo com os dados apontados no gráfico, Juína tem confirmado uma situação semelhante ao restante do país no sentido de quem são os responsáveis pela violência contra a criança e adolescente. Percebe-se que essa ação é praticada



por aqueles que estão mais próximo, ou seja, a pessoa que deveria ser o responsável pela proteção desse ser, no caso acima, padrastos e pais.

No ano de 2012 a realidade não tem sido diferente de 2011, já no primeiro semestre se confirma que a mesma situação se procede. Os relatórios apontam que nesse período já foram registrados 13 casos, sendo que 7 desse registros o agressor foi o padrasto e 4 outros familiares, apenas um dos casos foi praticado por outra pessoa, ou seja alguém mais distante da vítima.

Observando essa realidade fica evidente a violação dos direitos da pessoa humana, pois aquele que deveriam oferecer confiança e dar proteção, baseado no princípio de proteção integral, sustentado pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) passa a representar uma ameaça e perigo constante na vida desse sujeito, pois o resultado dessa violência gera consequências drásticas e irreversíveis as suas vítimas.

Pesquisadores apontam que o maior trauma ocorre quando a criança tem um relacionamento próximo com o abusador, nesse caso o abuso é prolongado. Para Sanderson (2005, p,240 ) “o pedófilo pode ser qualquer pessoa - homens ou mulheres, adulto ou crianças mais velhas. Pode ser um dos pais, um parente, um vizinho, um amigo de família, um professor ou um médico. Em muitos aspectos, abusadores sexuais de crianças são pessoas comuns que a criança encontra em sua vida cotidiana”.

No caso de abuso sexual praticado pela família, além de ser maioria, são mais delicados e difíceis de serem descobertos, pelo fato de ser o abusador uma pessoa querida, o que torna mais confuso, na cabeça da criança ou do adolescente, perceber que o que acontece é uma violência, que aquele comportamento foge à normalidade. Há registros de casos de abuso, que o pai alegava com as carícias, que estava "ensinando" à criança o que era o sexo, considerando isso era como algo normal (Veja 2009).

Atualmente a evolução dos princípios morais e legais em defesa das crianças e adolescentes cresce e se aperfeiçoa a cada ano, o que infelizmente não impede que este crime sobre o menor venha a ocorrer. Os serviços prestados as crianças e adolescentes confirmam que os casos de abuso sexual aumentam gradativamente, gerando transtornos e sequelas muitas vezes irreparáveis a vítima, principalmente quando essa ação violenta é praticada pela praticados, na sua maioria, por pessoas diretamente ligadas às vítimas, ou seja, a própria família.

Estudiosos afirmam que as consequências para quem sofre abuso sexual na infância e na adolescência dependem dos recursos psíquicos próprios de cada indivíduo. Estes são estabelecidos a partir da interação entre a vivência pessoal, fatores hereditários, relação de objeto, identificação e modelo familiar. Contudo há um consenso que o abuso sexual na infância e na adolescência representa um grande impacto. Para Tilmam (1993) essa ação contra a criança ou adolescente, desequilibra o desenvolvimento normal da personalidade, comprometendo as funções do ego em nível afetivo, comportamental e nas inter-relações.

A Psicóloga, Carmem Cabral e seus colaboradores, ao tratar do assunto reporta a opinião de diversos autores que apontam o abuso sexual como um trauma severo, inserido no termo “Síndrome da Criança Maltratada” Relata que:

“Essa síndrome esclarece a dimensão doentia da família que não estabelece proteção suficiente para o filho, permite a presença do abusador dentro da própria casa, ameaças explícitas ou veladas e o estabelecimento de segredos sobre os abusos. Relações familiares com tal nível de doenças trazem consequências desastrosas no desenvolvimento da personalidade da criança e do adolescente. O processo de desestruturação da personalidade ocorre quando, às fixações prévias do desenvolvimento infantil, do indivíduo soma-se a um trauma. Nessa situações podem ocorrer doenças psíquicas como: transtorno do stress pós-traumático, transtorno borderline e antissocial de personalidade, depressão, uso de drogas, delinquência, prostituição e distúrbios ligados à personalidade do indivíduo” (SCHERER 2011,P.40).

Outra consequência dessa violência apontada por Scherer (2009) e seus colaboradores é o “medo da intimidade” uma vez que na relação interpessoal, percebe-se que as vítimas demonstram recusa ao estabelecer relações com pessoas do sexo oposto. Afirmam que:

“O medo da intimidade” é caracterizado pela impossibilidade de estabelecer uma ligação afetiva, com confiança e atenção recíproca. Esse medo está relacionado à possibilidade de reviver experiências traumáticas vividas com o agressor e também ao sentimento de desconfiança, por ter sido, no caso do incesto, abusada pelo pai e nem sempre protegida pela mãe (SCHERER,2009,P.49).

Destacam ainda que “a dissociação e a culpa inconsciente são as consequências mais graves do abuso”. Dentro dos aspectos afetivos, apontam ainda o sentimento de culpa, sentimento de autodesvalorização e depressão como consequências graves nesse processo. Afirmam ainda que:

“O processo de desenvolvimento da personalidade ocorre quando, a fixação prévia do desenvolvimento infantil do indivíduo, soma-se ao trauma do abuso. Nessas situações

podem ocorrer doenças psiquiátricas como: transtorno do stress pós-traumático, transtorno borderline e antissocial de personalidade, depressão, uso de drogas, delinquência, prostituição e distúrbios ligados à sexualidade do indivíduo” (SCHERER,2009,P.40).

A área da sexualidade parece ser uma das mais atingidas no caso da vitimização sexual na infância e na adolescência. De modo geral os problemas de adaptação sexual estão ligados a uma negação de todo e qualquer relacionamento sexual ou a uma incapacidade de vivenciar relacionamentos sexuais satisfatórios (SCHERER,2009,P.50).

Do ponto de vista de diferentes autores as consequências do abuso sexual podem ser classificadas de acordo com suas características sendo apresentadas como consequência de curto e de longo prazo. As evidências manifestas como consequências de curto prazo são:

- **Físicas:** pesadelos e problemas com o sono, mudanças de hábito alimentares, perda do controle de esfíncteres.
- **Comportamentais:** Consumo de drogas e álcool, fugas, condutas suicidas ou de auto-flagelo, hiperatividade, diminuição do rendimento acadêmico.
- **Emocionais:** medo generalizado, agressividade, culpa e vergonha, isolamento, ansiedade, depressão, baixa auto-estima, rejeição ao próprio corpo (sente-se sujo).
- **Sexuais:** conhecimento sexual precoce e impróprio para a sua idade, masturbação compulsiva, exibicionismo, problemas de identidade sexual.
- **Sociais:** déficit em habilidades sociais, retração social, comportamentos antissociais.

Existem consequências derivadas desse tipo de violência que permanecem, ou inclusive podem piorar com o tempo, até chegar a configurar patologias definidas. Elas são consequências que apresentam sua manifestação em longo prazo podendo variar de indivíduo para indivíduo de acordo com sua subjetividade, situação emocional e até mesmo estímulos e influências do meio em que o sujeito está inserido. São elas:

- **Físicas:** dores crônicas gerais, hipocondria ou transtornos psicossomáticos, alterações do sono e pesadelos constantes, problemas gastrointestinais, desordem alimentar.

- **Comportamentais:** tentativa de suicídio, consumo de drogas e álcool, transtorno de identidade.
- **Emocionais:** depressão, ansiedade, baixa autoestima, dificuldade para expressar sentimentos.
- **Sexuais:** fobias sexuais, disfunções sexuais, falta de satisfação ou incapacidade para o orgasmo, alterações da motivação sexual, maior probabilidade de sofrer estupro e de entrar para a prostituição, dificuldade de estabelecer relações sexuais.

**Sociais:** problemas de relação interpessoal, isolamento, dificuldades de vínculo afetivo com os filhos.

São várias as sequelas presentes na vítima que sofre abuso sexual. É uma violência física e psicológica, uma marca presente a cada dia e que na maioria das vezes não se apaga. Ao analisar essas consequências na dimensão da saúde, a Psicóloga Maria Cristina B. Boarati (2009) afirma que:

"no âmbito da saúde são variadas e numerosas, incluindo efeitos no campo físico e emocional, a curto e longo prazo, além de haver um consenso na literatura acerca do ciclo de repetição do fenômeno que se estabelece nas pessoas que sofreram maus-tratos. A partir de um viés psicanalítico, considera-se que o fato traumático pode ser reproduzido, mesmo que sutilmente, nos relacionamentos que se estabelecem, com características de "isolamento e indisponibilidade para relacionamentos, sobretudo amorosos, e entre as gerações, em uma cadeia de violências intrassubjetivas, intersubjetivas e transubjetivas". Pela complexidade do fenômeno, as intervenções neste campo devem se pautar na interdisciplinaridade, com necessidade de boa comunicação entre os profissionais e serviços que atuam com esta população" (BOARATI, 2009).

Além dos traumas já citados, a autora aponta outra situação bastante evidente para essas vítimas, devido ao descontrole emocional e psíquico: criança ou o adolescente abusado sexualmente pode perder o desejo pela aprendizagem e apresentar condutas diferentes daquelas que até então mostrava. Segundo ela, muitas vezes, a dificuldade de atenção, de socialização e de aquisição de conhecimentos são alguns sinais que o abusado apresenta após o fato ocorrido.

Independente da causa, fator que promove essa prática ou forma que possa ser entendida, o agravante é que esse ato de violência gera consequências drásticas para suas vítimas, são sequelas na maioria das vezes irreversíveis para o indivíduo que sofreu essa violação e que varia de indivíduo para indivíduo de acordo com sua subjetividade.

## **Considerações Finais**

Estudos realizados apontam em grandes evidências de que o abuso sexual praticado em crianças e adolescentes provoca nesse sujeitos, dores e traumas irreversíveis. Esses traumas desencadeiam uma profunda violação dos limites físicos e psicológicos, gerando consequências gravemente negativas para a vítima ao longo de seu desenvolvimento cognitivo, afetivo, comportamental e social, e principalmente para os seus relacionamentos interpessoais futuros. Percebe-se que com a vivência do abuso, o indivíduo perde a espontaneidade e naturalidade de sua sexualidade e em muitos casos até o sentido da vida.

Uma criança, vítima de abuso sexual, mesmo que não apresente sintomas externos ou que esses sejam de pouca relevância pode manifestar um sofrimento emocional muito intenso o que é ainda mais prejudicial. São várias as consequências que afeta a criança e o adolescente, deixando marcas profundas. Essas vítimas podem apresentar problemas mais leves como a dificuldade de aprendizagem, como também sérias consequências psíquicas e emocionais.

Diante dos fatos é preciso ter clareza que o assunto está longe de ser esgotado, porém vale ressaltar que cada família deve ficar atenta para as mudanças de comportamento e diferentes reações da criança na busca de protegê-la. É também de suma importância que as vítimas dessa violência se encorajem para efetuar a denúncia evitando que o abusador fique em puno. Outro elemento de grande relevância é que as vítimas sejam acolhidas, aceitas e amadas, condição básica para o resgate de sua autoestima e suavização de sua dor.

## Referências bibliográficas

AZEVEDO, M.A. Consequências Psicológicas da vitimização de Criança e Adolescentes. In: M.A AZEVEDO & V.N.A. GUERRA (Orgs.). **Crianças Vitimizadas: a Síndrome do Pequeno Poder**. São Paulo. Iglu. 1989.

BOARATI, Maria Cristina Brisighello. **Revista brasileira de crescimento e desenvolvimento humano**. v.19 n.3 São Paulo dez. 2009.

BOCK, A. M. Bahia; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M. de L. T. **Psicologias: uma introdução ao estudo da psicologia**. 5. ed. São Paulo: Saraiva, 1993.

GAUR, Gabriel José Chittó; MACHADO, Débora Silva (org.). **Filhos & Vitimas do Tempo da Violência: A família, a criança e o adolescente**. 2ª edição- Revista Atualizada ( ano 2009).

SANDERSON, Cristiane; **Abuso sexual em crianças**. São Paulo, M.Books do Brasil Editora Ltda, 2005.

LABADESSA, Vanessa Milani; **Abuso Sexual Infantil: Breve Histórico e Perspectivas na Defesa Dos Direitos Humanos** Revista Olhar Científico – Faculdades Associadas de Ariquemes – V. 01, n.1, Jan./Jul. 2010.

Parisotto, Luciana (2003), “**Abuso Sexual - ABC da Saúde**”. Página consultada em 26 de outubro de 2012, disponível em [www.abcdasaude.com.br/artigo](http://www.abcdasaude.com.br/artigo).

<http://www4.fe.uc.pt/fontes/trabalhos/2005012.pdf> Dora Costa Machado Golveia (2006).

[http://www.sds.pe.gov.br/dpca/Portugues/Adolescente\\_Consequencias\\_do\\_Abuso\\_Sexual\\_por.htm](http://www.sds.pe.gov.br/dpca/Portugues/Adolescente_Consequencias_do_Abuso_Sexual_por.htm) 01-08-12 20:25

<http://www.webartigos.com/artigos/caracterizacao-da-violencia-sexual-consequencias-psicologicas-e-manifestacoes-clinicas/43068>. 26/08/12 29:20